

Duas utopias urgentes para o século XXI

Leonardo Boff
Teólogo e membro da Comissão da Carta da Terra

Vivemos no olho de uma crise civilizacional de proporções planetárias. Toda crise oferece a chance de transformação bem como o risco de um fracasso desolador. Na crise medo e esperança se mesclam. Para reforçar a esperança nascem as utopias. Por sua natureza, as utopias nunca vão se realizar totalmente. Mas elas nos mantêm no caminho. São como as estrelas. Nunca as alcançaremos. Mas elas encantam a noite e orientam os navegantes. Bem disse um poeta desta cidade de Porto Alegre, Mário Quintana:

Se as coisas são inatingíveis, ora!
Não é motivo para não querê-las.
Que tristes os caminhos e se não fora
A mágica presença das estrelas.

No contexto da crise atual vejo surgir duas utopias que são conaturais à teologia da libertação: utopia da salvaguarda da Casa Comum, o planeta Terra e a utopia da conservação da unidade da família humana. Consideremos a primeira.

1. A utopia da salvaguarda da Casa Comum

A teologia da libertação nasceu ouvindo o grito do oprimido. Seu mérito foi ter dado centralidade ao empobrecido, fazendo-o sujeito de sua história e o lugar a partir do qual se entende melhor a natureza de Deus como o Deus da vida, a missão de Jesus, como promotor de vida em abundância e a natureza da Igreja como sacramento, vale dizer, instrumento e sinal de libertação integral.

Mas não só os pobres gritam. Gritam as águas, gritam as florestas, gritam os animais, gritam os ecossistemas, grita a Terra. Todos esses também são vítimas da mesma lógica que cria os empobrecidos. Por isso a Terra e a natureza são exploradas e devastadas. Na opção preferencial pelos pobres contra a pobreza e pela libertação - marca registrada da teologia da libertação - cabe o Grande Pobre que é a Terra, a única Casa Comum que temos para morar. Uma teologia da libertação somente será integral se incorporar em sua reflexão e em sua prática a libertação da Terra como sistema de sistemas, como super-organismo vivo da qual nós somos filhos e filhas junto com os demais organismos vivos, nossos irmãos e irmãs, também produzidos e alimentados pela Mãe Terra.

Assim como o encontro com o pobre permitiu uma experiência espiritual originária, base de uma prática e de uma reflexão libertadora, da mesma forma agora, o encontro com a questão ecológica propicia uma nova experiência do Sagrado e do *Spiritus Creator* agindo em sua criação animando práticas alternativas no relacionamento com a natureza e em nosso estilo de vida. Desta experiência e desta prática se projeta a utopia de salvaguarda da Terra.

Essa utopia possui o caráter de urgência porque a nossa civilização construiu o princípio da auto-destruição. Por vinte e cinco formas diferentes se pode destruir o projeto planetário humano e ferir profundamente a biosfera. Já há quarenta mil anos, bem antes do neolítico (há dez mil anos), começou um assalto sistemático à biosfera, porque foram desenvolvidos instrumentos que tornaram bem sucedida a dominação da natureza. Em poucos milhares de anos, os caçadores extinguíram os mamutes, as preguiças-gigantes e outros mamíferos pré-históricos.

Nos dias atuais, este processo se agravou assustadoramente. Existe uma taxa de extinção de fundo que é norma no processo de evolução, cerca de trezentas espécies por ano. Mas hoje uma espécie a cada 13 minutos desaparece definitivamente devido à voracidade produtivista e consumista dos seres humanos. Este cenário dramático fez o grande historiador Arnold Toynbee(+1975) escrever em seu ensaio autobiográfico *Experiências* (1969): "Vivi para ver o fim da história tornar-se uma possibilidade intra histórica capaz de ser realizada não por Deus mas pelo ser humano". Não outra coisa pensava o conhecido cosmólogo Carl Sagan, pouco antes de morrer há 4 anos: as forças diretivas da natureza e do universo já não garantem mais o futuro da Terra. Esta agora depende da vontade política dos seres humanos. Para sobreviver devemos coletivamente querê-lo. Por fim ninguém melhor expressou o atual drama que a Carta da Terra, aquele documento, fruto da reflexão mundial em vista da salvaguarda do Planeta e que a Unesco assumiu para ser divulgada em todas as escolas: "Estamos diante de um momento crítico da história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. A escolha é esta: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e cuidar uns dos outros ou arriscar a nossa destruição e a devastação da diversidade da vida".

Agora podemos entender o bem fundado da utopia da salvaguarda da Terra. Desta vez não haverá uma Arca de Noé que salve alguns e deixa perecer os demais. Ou nos salvamos todos ou perecemos todos. Tal urgência funda uma nova centralidade. A questão não é mais: que futuro possui a civilização da tecno-ciência hoje globalizada, ou que futuro possui o Cristianismo ou a teologia da libertação? A questão é: que futuro possuem a Terra e a Humanidade e em que medida nossa a tecno-ciência, a Igreja e a teologia da libertação ajudam a assegurar um futuro de esperança para todos.

Para isso precisamos de um novo paradigma que restabeleça uma aliança de paz duradoura com a Terra. Ela vem sob o nome de paradigma ecológico. Ecologia aqui não se resume a uma técnica de gerenciamento de recursos naturais escassos mas implica um novo olhar para com a natureza, a percepção de que não existe o meio-ambiente (estamos cansados de meio ambiente, queremos o ambiente inteiro) mas o que realmente existe é a grande comunidade de vida, da qual nós somos um membro junto com outros, com a singularidade de sermos seres éticos e espirituais com a missão de sermos os guardiães da criação e aqueles que cuidam de tudo o que existe e vive porque tudo o que existe e vive merece existir e viver. Implica entender como entendiam os povos originários e os cientistas de ponta hoje que a Terra não é inerte, um bau de recursos ilimitados. A Terra é viva, equilibra todos os elementos físico-químico-ecológicos de forma tão sutil e integrada que somente um organismo vivo o pode fazer. Por isso é chamada de super organismo vivo, Gaia ou Pacha Mama. E o homem (varão e mulher) deriva de húmus(terra fecunda) como Adão provem de adamah, terra fértil, o ser humano mais que filho e filha da Terra é a própria Terra que num momento de sua evolução começou a sentir, a pensar, a amar, a cuidar e a venerar.

Não há aqui tempo para detalharmos os princípios que dão sustentabilidade à utopia Terra. A nossa cultura os enviou ao exílio mas hoje eles estão voltando e construindo as bases da geo-sociedade. É o cuidado que é uma relação amorosa para com a realidade, cuidado que constitui a ética básica que preserva a vida e garante a convivência de todos com todos. É a dimensão da alma, do feminino no homem e na mulher que nos faz sensíveis à totalidade, nos abre a captar as mensagens que todas as realidades irradiam e que confere centralidade à vida e à cooperação e supera a competição e a visão meramente utilitarista da natureza. Por fim a espiritualidade como aquele momento da consciência que se sente ligada e religada ao Todo e que vive de valores não materiais como a compaixão, o amor, a solidariedade e o diálogo com a Fonte originária de todo o ser. Esses princípios nos permitem como dizia o grande poeta moderno português, Fernando Pessoa, "imaginar a vida como ela nunca foi".

2. A utopia da salvaguarda da unidade da família humana

A segunda utopia consiste na salvaguarda da unidade da família humana. Há o risco real de que a família humana seja bifurcada, entre aqueles que se beneficiam dos avanços tecnológicos e da biotecnologia e dispõem de todos os meios possíveis de vida e de bem-estar, cerca de 1,6 bilhões de pessoas, podendo prolongar a vida até aos 130 anos que corresponde à idade das células. E a outra humanidade, os restantes 4,4 bilhões de seres humanos barbarizados, entregues à sua sorte, podendo viver, se tanto, até os 60-70 anos com as tecnologias convencionais num quadro perverso de pobreza, miséria e exclusão social.

Esse fosso deriva do horror econômico que tomou a cena histórica sob a dominação do capital globalizado. Considerando-se triunfante face ao socialismo cuja derrocada se deu no final dos anos 80, exacerbou seus princípios como a competição, o individualismo, a privatização e a difamação de todo tipo de política e satanização do Estado, reduzido ao mínimo. 200 megacorporações, cujo poder econômico equivale a 182 países, conduzem junto com os organismos da ordem capitalista como o FMI, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio a economia mundial só sob o princípio da competição sem qualquer sentido de cooperação. No Brasil há 8 milhões de famílias de credores do Governo, dispendo de 700 bilhões de reais (o 1% de ricos que detém 42% da riqueza nacional). Neste sistema tudo é feito mercadoria, do sexo à música, da água a órgãos humanos, num volúpia de acumulação desenfreada de riquezas e serviços à custa da devastação da natureza e da precarização ilimitada dos postos de trabalho.

O risco consiste em que estes criem um mundo só para si, que rebaixem os direitos humanos a uma necessidade humana que deve ser atendida pelos mecanismos do mercado (portanto só tem direitos quem paga e não quem é simplesmente pessoa humana), que façam dos diferentes desiguais e dos desiguais dissemelhantes, pessoas consideradas como não pertencentes à espécie humana.

No Ocidente - é este que domina no processo de globalização - nunca triunfou politicamente a idéia de igualdade. Ela ficou limitada ao discurso religioso-cristão, de conteúdo utópico. Esse déficit de uma cultura igualitária suprime os entraves de impediriam a bifurcação da família humana. Pode triunfar uma idade das trevas mundial que se abateria sobre toda a humanidade.

A utopia urgente é manter a unidade da família humana, habitando a mesma Casa Comum. Todos são Terra, filhos e filhas da Terra, criados à imagem e semelhança do Criador, feitos irmãos de Jesus Cristo e templos do Espírito. Todos têm direito de ser incluídos nesta Casa Comum e de participar de seus dons.

Para dar corpo a esta utopia precisamos resgatar os valores ligados à solidariedade e à compaixão. Importa recordar que foi a solidariedade/cooperação que permitiu a nossos ancestrais, há alguns milhões de anos, darem o salto da animalidade à humanidade. Ao saírem para recoletar alimentos, não os comiam individualmente como o fazem os animais superiores. Antes, reuniam os frutos e a caça e os levavam para o grupo de co-iguais e os repartiam fraternalmente entre todos. Deste gesto primordial nasceu a socialidade, a linguagem e a singularidade humana. Será hoje ainda a solidariedade irrestrita, a partir de baixo, a compaixão que se sensibiliza diante do sofrimento do outro que garantirão o caráter humano de nossa identidade e de nossas práticas. Foi o que vergonhosamente faltou aos grandes credores internacionais que face à tragédia dos tsunamis do sudeste da Ásia não perdoaram os 26 bilhões de dívidas daqueles países flagelados, apenas protelaram por um ano, o seu pagamento. Sem o gesto do bom samaritano que se verga sobre os caídos da estrada ou a vontade de infinita compaixão do bodhisattwa que renuncia penetrar no nirvana por amor à pessoa que sofre, ao animal quebrantado ou ao raminho machucado, dificilmente faremos frente à barbárie cotidiana que se está naturalizando a nível mundial.

Termino este fragmento de reflexão. Na perspectiva dos astronautas, daqueles que tiveram o privilégio de ver a Terra de fora da Terra, Terra e Humanidade formam uma unidade sem distinção, dinâmica, irradiante e aberta. Ambas estão agora ameaçadas. Ambas possuem um mesmo destino e comparecem juntas diante do futuro. Sua salvaguarda constitui o conteúdo maior de uma única grande utopia, a utopia do século XXI.

Se nossa teologia não ajudar a sonhar esse sonho e não levar as pessoas a vivê-lo não teremos cumprido a missão que o Criador nos reservou no conjunto dos seres, que é a de sermos o anjo bom e não o Satã da Terra, nem teremos escutado e seguido Aquele que disse: Vim trazer vida e vida em abundância. Cresçamos, irmãos e irmãs, em consciência de nossa responsabilidade, sabendo que nenhuma preocupação é mais fundamental do que cuidar da única Casa Comum que temos e de alcançar que toda a família humana possa viver unida dentro dela com um mínimo de cuidado, solidariedade, irmandade, compaixão e reverência que produzem a discreta felicidade pelo curto tempo que nos é concedido passar por esse pequeno Planeta.